



A análise do discurso está na moda?

Humberto Paixão e Kátia Menezes de Sousa *

Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Av. Esperança, s/n., Chácaras Califórnia, 74690-900, Goiânia, Goiás, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: km-sousa@uol.com.br

RESUMO. Este artigo busca articular análise do discurso francesa e moda. Com o intuito de responder à questão ‘A análise do discurso está na moda?’, o texto divide-se em duas partes: primeiro, levando em consideração que a moda pode ser entendida como um construto, propõe-se uma reflexão sobre a sua inserção no campo da AD e, segundo, sobre a própria existência e sucesso desta disciplina no interior dos estudos linguísticos, o que a faz estar hoje ‘na moda’.

Palavras-chave: dispositivo de poder, linguagem, enunciado, controle do corpo, moda.

Is discourse analysis in fashion?

ABSTRACT. This paper articulates the concepts of French Discourse Analysis and fashion and tries to address the issue: 'Is Discourse Analysis still fashionable?' The text is divided into two parts. First, since fashion may be taken as a theoretical construct, a reflection on its insertion in the DA field is undertaken. Second, the paper also investigates the discipline's existence and success within linguistic studies, which makes it fashionable nowadays.

Keywords: power source, language, enunciation, body control, fashion.

Introdução

De acordo com Simmel (2008, p. 53),

O que verdadeiramente importa à moda é variar; só que [...] ela tem uma tendência para economizar esforço; procura alcançar os seus fins da forma mais plena, porém, com os meios relativamente mais escassos.

E continua o filósofo, dizendo que, justamente por isso, é possível “[...] comparar o seu caminho com um círculo; ela regressa sempre de novo a formas anteriores”. De alguma forma, essa ideia da moda com suas variações, sua plenitude e escassez, além da circularidade de seus movimentos, regressando a formas anteriores, pareceu-nos muito próxima, quando da leitura da obra *A Arqueologia do saber* (2009), do conceito foucaultiano de enunciado e sua repetibilidade: “[...] o próprio enunciado não pode ser reduzido a esse simples fato da enunciação, pois ele pode ser repetido apesar de sua materialidade” (Foucault, 2009, p. 115). Sem pretensões reducionistas, parecia-nos – e ainda nos parece – haver entre a noção de enunciado e discurso, de um lado, e da dinâmica da moda, de outro, algo de similar, de próximo entre ambos.

Pensando nisso, vislumbramos a possibilidade de refletir sobre a relação entre a moda e a Análise do Discurso, ou seja, a moda enquanto discurso,

inserindo-a, pois, nessa (des)ordem arriscada do discurso. Tomando essa direção, partimos do entendimento de que a moda é um fenômeno complexo, que envolve questões da ordem do poder, do saber, da subjetivação. Logo, sua apreensão pela via discursiva, mais que um capricho, transforma-se em uma necessidade. Dessa forma, o questionamento ‘A Análise do Discurso está na moda?’ é o ponto de partida deste artigo e, apesar de sua materialidade linguística permanecer idêntica, a sua duplicação nos aponta algumas direções ou comporta alguns possíveis efeitos de sentido.

Primeiramente, refletimos sobre o fato de a AD estar/não estar, na atualidade, sob a mira de holofotes (para o bem e para o mal), isto é, tratamos de refletir sobre a AD e a posição que ela tem ocupado no interior da ciência linguística, bem como sobre a acusação que lhe é dirigida de ser fruto de um modismo, ou de algo que seria do plano do passageiro. Na segunda parte deste trabalho, tratamos de entender o questionamento-base deste artigo, qual seja, ‘A Análise do Discurso está na moda?’, como um indício e, ao mesmo tempo, uma defesa da possibilidade de pensar a moda no interior do quadro teórico-metodológico da análise do discurso.

Se a proposta é pensar a moda sob a mira dessa disciplina, isso se deve ao fato de que, longe de

percebê-la como, por exemplo, um indicador de diferenças sociais, é necessário tratá-la como um objeto discursivo que tem sua especificidade no campo geral dos saberes e dos poderes. Mister se faz, pois, apreendê-la discursivamente, sem que nos esqueçamos, logicamente, da necessidade de que

[...] nos situemos dentro dos estudos linguísticos e, ao mesmo tempo, fora deles, ou seja, o objeto de nossas reflexões não é a materialidade linguística, mas a constituição dos discursos e a possibilidade de serem enunciados (Sargentini & Navarro-Barbosa, 2004, p. 11).

A Análise do Discurso está na moda?

Quando, em geral, faz-se referência à Linguística, o entendimento corrente a toma como um bloco homogêneo no interior do qual se desenvolvem pesquisas acerca de um objeto bem delimitado ou recortado, a língua(gem). Nos dizeres de Maingueneau (2008, p. 160), “[...] aqueles que estão situados do lado de fora evocam ‘a’ linguística como uma disciplina que acreditam ser homogênea [...]”, mas, por outro lado, do ponto de vista do seu interior, os linguistas experimentam grande dificuldade em estabelecer unidade em seu campo de estudo, haja vista a grande disparidade que o constitui. Daí ser comum ouvir falar, no âmbito dos estudos e pesquisas desta disciplina, em centro e periferia, em uma linguística *hard* e uma linguística *soft*, isto é, fala-se frequentemente em domínios que se organizam a partir de uma espécie de falha original entre ‘língua’ e ‘discurso’.

O problema é precisamente o aparecimento constante de uma linha de clivagem quando se trata de dizer qual é o objeto legítimo da linguística e quem tem o direito de invocá-la. Essa clivagem entre ‘língua’ e aquilo que se coloca no domínio do ‘discurso’ não é transitória, ela passa pelo próprio interior da relação entre a linguística e a linguagem. (Maingueneau, 2008, p. 160, grifos do autor).

A despeito do entendimento que toma os estudos pautados no discurso como uma espécie de continuidade dos estudos da língua, o que equivale a dizer que “[...] haja, de algum modo, continuidade entre o projeto de Saussure e, por exemplo, o projeto de Michel Pêcheux” (Cruz, 2011, p. 68-69), a fissura instaurada entre os estudos que tomam a língua como foco e aqueles que têm o discurso como seu epicentro, apesar de não ser algo exatamente novo, produz ainda desdobramentos variados para os rumos dos estudos de linguagem. Na concepção de Maldidier (2003, p. 31), tal problema está intimamente relacionado ao raciocínio que “[...] repousa sobre a intuição muito forte de que não podem visar às sistematicidades da língua

como um contínuo de níveis”. O problema é, portanto, da ordem da ruptura instaurada quando se trata de precisar qual é o objeto da Linguística e a quem pertenceria o direito de evocá-la em suas pesquisas. É nesse sentido que é possível entender a relação (tensa) entre a Análise do Discurso e a Linguística a partir de uma ótica da ruptura, do corte:

[...] a AD não é, portanto, o acréscimo de uma pitada histórica, cultural, ideológica, psicológica ou psicanalítica ao que diz a linguística, em seus diversos compartimentos. Não é simplesmente a fonostilística, a conotação, a sintaxe voltada para o falante, a semântica a que se acrescenta o tempero do contexto, ou o texto como efeito de um processo. A AD pode tratar de cada um desses ‘temas’ – mas os tratará *rompendo* com o que a linguística faz em cada um deles. (Possenti, 2009, p. 357, grifos do autor)

Vale lembrar que a AD é uma disciplina que se constitui a partir da intersecção de três campos distintos, a saber: a Linguística, a Psicanálise e a História. Como conclui Orlandi (2010a, p. 13), não se trata de mera soma dessas disciplinas para que se obtenha uma outra ao final dessa operação; ao contrário, o discurso, objeto de estudo da AD, “[...] se constitui em um seu sentido próprio, pensando a materialidade discursiva que não é apenas ‘reflexo’ da mistura dos três campos acima referidos”. Em consonância com Jean-Jacques Courtine (2009), pode-se dizer que não há entre a Linguística e a AD uma espécie de ascensão natural e gradual de uma à outra, mas algo bem diverso:

Não nos parece, pois, que as relações entre a AD e a Linguística devam ser explicadas a partir da passagem gradual de uma à outra, que se confunde às vezes com a evidência da substituição de uma pela outra, mas sob a forma de uma coexistência contraditória que tem sua origem na configuração epistêmica interna da Linguística (Courtine, 2009, p. 40).

Dessa forma, a AD toma um rumo próprio, nem totalmente linguística(o) e nem totalmente histórica(o), mas não deixando de sê-los. Constitui-se não como uma interdisciplina, já que não é análoga a um instrumental posto em ação, mas como uma disciplina de ‘entremeio’:

A análise do discurso se faz entre a linguística e as ciências sociais, interrogando a linguística que pensa a linguagem, mas exclui o que é histórico-social e interrogando as ciências sociais na medida em que estas não consideram a linguagem em sua materialidade (Orlandi, 2010a, p. 14).

Falar de Análise do Discurso é, pois, tratar de um campo marcado por movências e inquietações, o que leva necessariamente a uma retomada histórica de

sua constituição, uma vez que o processo desencadeador de seu aparecimento marca definitivamente seus rumos e seus contornos. Mesmo que, para alguns autores, não seja possível retrair sua história, “[...] pois não se pode fazê-la depender de um ato fundador [...]”, uma vez que ela resulta “[...] da convergência de correntes recentes e da renovação de práticas de estudos muito antigos de texto [...]” (Charaudeau & Maingueneau, 2004, p. 41), reiteramos a necessidade de situar a conjuntura teórica e política de sua irrupção na década de 1960, quando, sob a dupla paternidade de Michel Pêcheux e Jean Dubois, pensa-se uma disciplina com o escopo de construir uma máquina discursiva para fins de leitura.

De acordo com Maldidier (2003, p. 16), “[...] o projeto de Michel Pêcheux nasceu na conjuntura dos anos de 1960, sob o signo da articulação entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise [...]” e é na condição de uma área transdisciplinar que ela ganha terreno nos anos subsequentes. Segundo Paveau (2006, p. 202), a formação do domínio da AD está ligada a condições históricas e culturais do contexto francês, das quais se destacam: a) “[...] uma tradição cultural que repousa numa relação com a escrita própria de uma civilização do livro e da interpretação [...]”, b) “[...] uma tradição escolar que concede um amplo espaço às diversas formas de comentários de textos [...]”, e ainda c) “[...] um conjunto de reflexões sobre a escritura que surgiu nos anos 1960, no quadro do estruturalismo”.

Desde seu início, a AD francesa apresenta em seu projeto um ideal político bem delimitado, calcado no entendimento de que “[...] a arma científica da linguística oferece meios novos para abordar a política” (Maldidier, 1997, p. 18). E, se ela procura atacar a política por meio da ciência, é exatamente no discurso, seu objeto de estudo, que ela encontra a munição:

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 2010a, p. 15).

Dessa maneira, a AD propõe uma ruptura epistemológica em relação ao projeto saussuriano, elegendo como objeto o discurso e não mais a língua. O que está em jogo é uma oposição ao estruturalismo, que conhece seu apogeu na França – junto aos intelectuais ligados à Sorbonne – nos anos 1950-60, e, apesar da sua bem sucedida

investida, os abalos sofridos por essa corrente do pensamento aparecem “[...] com os eventos de maio de 68 e o golpe final no início dos anos 80” (Sargentini, 2006, p. 36). É nesse ínterim que ganha espaço e torna-se moda estudar o discurso, esse *plus*, esse elemento extra até então desconsiderado nos estudos de língua(gem), cujo foco recaía sobre a imanência dos sistemas linguísticos¹.

Os trabalhos no interior da chamada análise do discurso francesa não se identificam, então, com a descrição dos mecanismos internos da língua, mas na relação entre o linguístico/a materialidade linguística e o histórico, entendido como processo ininterrupto de produção de sentidos. Estabelece-se, então, não a língua como objeto de estudo, mas, em seu lugar, o discurso, fruto da conjugação de aspectos linguísticos e de aspectos histórico-ideológicos. É o que nos ensina Michel Foucault (2009, p. 55, grifos do autor):

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse ‘mais’ que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Para que se possa entender melhor a diferença entre discurso e língua, vale recorrer a Foucault e retomar, mesmo *en passant*, algumas ideias presentes em sua obra *História da Sexualidade I* (1999). Nela, ele busca contrapor-se à chamada hipótese repressiva, cuja base se assenta na repressão ao sexo em nossa sociedade, e propõe que, contrariamente a esse pensamento, nos três últimos séculos, “[...] em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva”. Dito isso, acrescenta que “[...] talvez tenha havido uma depuração – e bastante rigorosa – do vocabulário autorizado [...]”, algo relativo a “[...] uma política da língua e das palavras [...]”, entretanto, continua o filósofo, “[...] no nível do discurso e de seus domínios, o fenômeno é quase inverso” (Foucault, 1999, p. 21). Trata-se de uma passagem bastante elucidativa no que tange à diferença entre língua e discurso. Como se pode perceber, de um lado, tem-se aquilo que é denominado língua e, de outro, o discurso, ou seja, enquanto, no exemplo foucaultiano, no nível linguístico houve toda uma proibição do dizer sobre o sexo, toda uma economia de vocabulário; no nível discursivo, inversamente, ocorreu uma incitação, uma provocação para que se fizesse o contrário:

¹ Decorre disso, a existência de diferentes análises do discurso, cada qual, a seu modo, buscando entendimentos e explicações pautados na concepção de discurso que as sustenta. Para uma melhor apresentação dessas vertentes, ver Possenti (2009), Fiorin (1990), Mussalin (2001), dentre outros.

dizer mais e cada vez mais - talvez como uma ampliação de formações discursivas que integraram o tema.

Se língua e discurso são elementos diversos, podendo inclusive operar em direções divergentes, ressalte-se que a noção de língua utilizada pela AD não compartilha do que lhe é atribuído pela Linguística – ou por uma parte da Linguística –, isto é, transparente, autônoma, imanente; ao contrário, trata-se de algo da ordem material, opaco e sujeito a equívocos: “[...] o deslize, a falha e a ambiguidade são constitutivos da língua, e é por aí que a questão do sentido surge do interior da sintaxe” (Pêcheux, 1997, p. 62). Ademais, a noção de língua(gem) subjacente a essa disciplina não poderia atrelar-se ao conceito de verdade, quer dizer, não há, de um lado, palavras e, de outro lado, as coisas, tomadas como entes verdadeiros em si próprios, mas uma vontade de verdade. Trata-se, assim,

[...] de suspender, no exame da linguagem, não apenas o ponto de vista do significado (o que já é comum agora), mas também o do significante, para fazer surgir o fato de que em ambos existe linguagem, de acordo com domínios de objetos e sujeitos possíveis, de acordo com outras formulações e reutilizações eventuais (Foucault, 2009, p. 126).

Dessa forma, para o analista, a questão que, de fato, interessa não é como uma palavra se liga a uma coisa ou vice-versa, mas como pode um determinado enunciado ter surgido, justamente ele, e não outro em seu lugar. Ao descrever enunciados, o analista busca, assim, unir língua(gem) e história, pois, de acordo com Foucault (2009), trata-se de apreender os enunciados na singularidade de seu acontecimento; determinar as condições de sua existência e, sobretudo, estabelecer correlações com outros enunciados. Sendo o enunciado da ordem do acontecimento, interessa, pois, saber como é possível dizer certas coisas sobre determinados objetos em determinadas épocas.

Diante das observações até aqui expostas, é possível atestar a tensão entre Linguística e AD como algo histórico, impossível de não ser considerada ao se falar de discursos e sua relação com a língua. Nesse sentido, a AD pode ser vista como uma espécie de resistência em face do poder dos referenciais epistemológicos da Linguística. Com isso, não se pretende dizer que aquela tome o lugar desta e se transforme numa espécie de Linguística Discursiva, como ensina Ferreira (2003, p. 42, grifos do autor):

Independente dessa relação com a Linguística ser mais ou menos conflituosa, ficou cada vez mais claro, no decurso da teoria entre nós, que a Análise

do Discurso não pretende ser uma ‘Linguística Discursiva’, abrigada, portanto, no mesmo guarda-chuva teórico. Há pontos de contato, sim, há compatibilidade em certos lugares, mas há, sobretudo, diferenças. Talvez seja o caso de aqui fazermos também uso da expressão ‘estranha familiaridade’ para descrevermos a tensão existente nesses limites.

Se, em seu início, nos idos da década de 1960, a AD se arvorava por buscar construir um dispositivo de leitura que fosse capaz de ‘dessubjetivar’ a apreensão de textos de caráter estritamente político, hoje, meio século depois, a situação é outra. Não apenas os *corpora* se modificaram e se multiplicaram, como também outras formas de fazer análise se impuseram. Assim, se é possível reconhecer, de um lado, a história de uma AD francesa, também é possível entender, de outro lado, a existência de uma AD brasileira. Nos dizeres de Gregolin (2008, p. 29),

[...] se temos uma análise do discurso de tradição francesa podemos chamá-la hoje de ‘brasileira’ porque, surgindo em outro momento histórico e em outro espaço geográfico e institucional, adquiriu outras características, tem outras problemáticas, formula outras perguntas.

Essa visão é partilhada por autores diversos que atestam, a partir da observação de pesquisas e estudos em Análise do Discurso em território brasileiro, a existência de uma forma nacional de fazer pesquisas nessa área:

Do campo verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais (imigração, movimento sem terra, greves) e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), ou por questões estritamente teóricas (hiperlíngua, autoria, sujeito do discurso, equivocidade da língua), a Análise do Discurso no Brasil ou Escola Brasileira de Análise do Discurso [...] amadureceu, se consolidou e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem realizados pelas ciências humanas (Ferreira, 2003, p. 46).

Uma particularidade da AD brasileira está, pois, na diversidade dos *corpora* tomados como seu objeto:

[...] enquanto na França o discurso político escrito foi predominante nas análises, no Brasil sempre se tomou uma heterogeneidade de gêneros discursivos que vão desde o literário até as produções orais cotidianas (Gregolin, 2008, p. 28).

Isso se deve em grande parte aos entornos que margeiam o aparecimento da disciplina entre franceses (final da década de 1960) e entre brasileiros (final da década de 1970)². Se, na França,

² De acordo com Kogawa (2012), haveria uma outra cronologia para a entrada da ADF (análise do discurso francesa) no Brasil, que remontaria à década de 1960/1970 a partir dos trabalhos de Carlos H. de Escobar.

[...] o quadro da conjuntura política da época contrapunha a Análise do Discurso à tendência dominante nas ciências sociais [...] como também à entrada com força da corrente formalista-logicista,

no Brasil, “[...] o embate se deu com a Linguística, sendo a Análise do Discurso acusada de não dar importância à língua, fixando-se exclusivamente no político” (Ferreira, 2003, p. 42).

Se há um reconhecimento que precisa ser feito em relação à Análise do Discurso é que ela, diferentemente de outras áreas, não se fechou e não se fecha, abrindo espaço para novos e produtivos desafios. Isso é condizente com sua própria trajetória epistemológica e suas bases teóricas, cujas aporias perpassam a ideia de que os sentidos não são dados *a priori*, mas estão por fazer, num eterno movimento de retorno e atualização. Ademais, a figura do outro/Outro, bem como do inter e do intradiscursos são elementos constitutivos da existência do próprio discurso, daí que não se fechar para o novo, para o diferente, para a alteridade é condição de existência da disciplina. Em suma, é possível, então, dizer que a AD é marcada por incompletude:

Do mesmo modo que constituem uma ruptura, as fronteiras da Análise do Discurso não apontam para o fechamento [...]. As análises não têm a pretensão de esgotar as possibilidades de interpretação, da mesma forma que os conceitos-chave da teoria estão sempre se movimentando, reordenando, reconfigurando, a cada análise. E isso se deve à marca da incompletude. A incompletude caracteriza e distingue todo o dispositivo teórico do discurso e abre espaço para a entrada em cena da noção da falta, que é motor do sujeito e é lugar do impossível da língua, lugar onde as palavras ‘faltam’ e, ao faltarem, abrem brecha para produzir equívocos (Ferreira, 2003, p. 43, grifo do autor).

Nota-se, portanto, que, instituída e desenvolvida sob o signo das tensões e das rupturas, a AD se põe num lugar de visibilidade, senão no interior das ciências em geral, pelo menos nos domínios da ciência linguística. Não que se queira afirmar que a AD seja antilinguística, já que “[...] não há AD sem linguística” (Possenti, 2009, p. 361). Ao contrário, essa tensão, longe de significar algo negativo ou depreciativo, pode ser vista sob a ótica da produtividade, como um novo alento trazido para os estudos linguísticos. As transformações postas em funcionamento com a entrada da AD no universo linguístico provocam deslocamentos que mexem profundamente as bases da ciência linguística. Noções como a de língua, sujeito, (efeitos de) sentido, condições de produção, formações discursivas, inter/intradiscursos, dentre outros, fomentam novas discussões e pesquisas no campo da

língua(gem). Nesse sentido, não há que se falar em modismos ou em algo efêmero, passageiro, já que

[...] sem dúvida, hoje, ela atingiu sua maturidade teórica e metodológica e se consolidou como disciplina no cenário dos estudos da linguagem, deslocando-se, por assim dizer, da periferia para o centro (Brandão, 2003, p. 1).

A AD está na moda? A moda está na AD?

Ao procurar inserir a moda no rol de discursos de que trata a AD, é necessário dizer, inicialmente, que este

[...] é um termo notoriamente difícil de definir com precisão, e é extremamente duvidoso que seja possível descobrir as condições necessárias e suficientes para que possamos considerar [...] que alguma coisa está ‘na moda’ (Svendsen, 2010, p. 12, grifo do autor).

Assim como grande parte dos conceitos pertencentes à esfera das ciências humanas, não há uma conceituação precisa e de caráter global válida para toda e qualquer situação que dela se faça uso. Se, no entanto, para determinadas áreas do conhecimento, essa ausência de conceitos tão estáveis torna-se, senão um problema, pelo menos um desconforto, na perspectiva foucaultiana, em contraposição, o fato de se partir de conceituações ou de tomá-las em definitivo é que se configura como algo problemático. Dessa forma,

[...] se quisermos adotar uma perspectiva foucaultiana, não devemos partir de conceitos, nem devemos nos ocupar em chegar a conceitos estáveis e seguros em nossas pesquisas, já que acreditar que eles tenham tais propriedades é acreditar que a própria linguagem possa ser estável e segura – uma suposição que não faz o mínimo sentido nessa perspectiva. Muito mais interessante e produtivo é perguntarmos e examinarmos como as coisas funcionam e acontecem e ensaiarmos alternativas para que elas venham a funcionar e acontecer de outras maneiras (Veiga-Neto, 2007, p. 19).

Não havendo a necessidade de se ater a conceituações/definições, cabe olhar as formas de abordagem de diferentes áreas em relação à moda. Nesse caso, o que se percebe é que, embora nos últimos tempos uma considerável bibliografia tenha sido escrita sobre o tema, a maioria dos textos, ao que parece, ainda corrobora as tradicionais formas de percepção que a tomam, em grande medida, como algo não merecedor de um tratamento mais crítico. Dito isso, pode-se destacar que a tentativa de aproximação entre o universo linguístico e o das roupas/da moda³ não é algo recente, mas, já há

³ Apesar de o termo moda não estar somente associado a roupas, já que “[...] existiram roupas muito antes que ela [moda] surgisse [...]” (Svendsen, 2010, p. 14)

algum tempo, autores diversos buscam esse entrelaçamento. Para além da constatação de que é possível falar/escrever sobre roupas, utilizando o código verbal, seja para descrever ou criar o universo imagético, o que se observa é que a ligação entre esses dois universos traduz-se como produtiva ou mesmo necessária.

As questões que surgem, então, podem ser assim delineadas: É possível trazer à tona ideias, teorias e conceitos que dizem respeito à língua(gem) humana, associando-os ao universo da moda ou das roupas/indumentárias? Seria positiva uma tal aproximação? É possível tratar a moda como discurso que pode ser analisado? De saída, é imperativo que se diga que, se num primeiro momento, esses universos de moda/roupa e discurso/linguagem parecem distantes, ou até mesmo impossibilitados de tal interseção, com uma observação um pouco mais atenta, percebe-se que há pontos bem delimitados de contato e de mútua influência entre ambos.

Do ponto de vista dos estudos linguísticos em geral, há autores que, situando-se para além de um viés estruturalista, fazem uso da metáfora que sustenta a relação próxima entre texto e tecido. Etimologicamente, ambos derivam de um mesmo tronco, 'texto', e daí extraem suas premissas básicas: o tecido emerge do entrelaçamento de seus fios, enquanto o texto se traduz como um todo constituído no/do entrelaçamento de formas, ideias, enfim, discursos.

[...] se considerarmos as roupas como 'textos', vemos que nas sociedades hierárquicas elas funcionavam tipicamente como textos 'fechados', com um significado relativamente estável, fixo. Em sociedades pós-modernas mais fragmentárias, por outro lado, elas funcionam mais como textos 'abertos', podendo adquirir novos significados a todo momento (Svendsen, 2010, p. 80, grifos do autor).

A imagem de um tecido parece, assim, sobrepor-se recorrentemente ao conceito de texto, conjugando elementos, como o fio da meada, a urdidura ou o próprio cruzamento dos fios na construção do tecido/texto. Texto e tecido não mais vistos como produto acabado e pronto, mas como algo que se constrói na medida mesmo em que significa. Um entrelaçamento perpétuo por meio do qual se enreda o mundo linguístico e extralinguístico, os sujeitos e os sentidos. Na literatura, isso se figurativiza no fazer de Penélope - personagem da Odisseia, de Homero -, a qual, diante das suposições da morte de

seu marido em batalha e das pressões para que se casasse novamente, estabeleceu, como condição para o novo enlace, a infundável tessitura de um tapete, o qual era tecido durante o dia e destecido durante a noite.

No âmbito dos estudos discursivos, ou mais precisamente no interior da análise do discurso, ganha força a metáfora da 'rede de nós', ou de uma 'malha do discurso', ou ainda de um emaranhado de fios que se cruzam. De acordo com Ferreira (2003, p. 44), "[...] já se tornou lugar comum usar a expressão 'tecido discursivo' ou 'tessitura' para falar-se de discurso [...]", e acrescenta a autora, levantando o questionamento:

É constante também referirem-se os nós, os fios que se cruzam, se rompem, abrem furos. Por que será que essa preferência por uma metáfora da rede serve tão bem ao objeto discursivo?

Na continuação de suas reflexões, a autora afirma:

Penso que para responder a isso é preciso acionar a noção de 'sistema'. Uma rede, e pensemos numa rede mais simples, como a de pesca, é composta de fios, de nós e de furos. Os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo de fazer sentido, como os furos, por onde a falta, a falha se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer, não havendo espaço para novos e outros sentidos se formarem. A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos, e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. Diríamos, então, que um discurso seria uma rede e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não-todo, esse sistema abre lugar para o não-sistêmico, o não-representável (Ferreira, 2003, p. 44, grifo do autor).

Deleuze (2005), em *O que é um dispositivo?*, explica que a filosofia de Foucault apresenta-se como uma análise de dispositivos concretos e, para o entendimento de tal termo, aproxima-o de uma meada, de um conjunto formado por linhas de natureza diferente. Novamente, tem-se, no exemplo deleuziano que afirma a necessidade de "[...] desenredar as linhas de um dispositivo [...]" (Deleuze, 2005, p. 84), a possibilidade de enxergar um íntimo envolvimento do universo das práticas relativas ao discurso, inclusas, nestas, as de linguagem, com práticas de outra natureza, como as referentes ao campo dos tecidos, das roupas, trajes etc. O próprio Foucault (2009), em sua busca por definir o enunciado, utiliza-se da metáfora do tecido para apoiar-se nesse empreendimento:

e, além disso, outras esferas também estão relacionadas a esse fenômeno, como a arte, a política, a ciência, não é despropositada uma associação entre os dois termos, uma vez que se constituiu entre elas uma relação sinonímica.

À primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície, mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; ‘como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte’; como um átomo do discurso (Foucault, 2009, p. 90, grifo nosso).

A partir desses apontamentos, é possível notar uma intersecção entre moda e discurso como um empreendimento plausível. Esse empreendimento torna-se ainda mais efetivo ao se vislumbrar um imbricamento entre língua, corpo e moda. Piovezani (2004), subsidiado pelos dizeres foucaultianos e pecheutianos, estabelece intrigante relação entre língua, corpo e edificações. Segundo a hipótese do autor, há uma proximidade entre os discursos do bem falar/bem escrever daqueles que incidem sobre a boa forma e o bem estar do corpo, bem como das práticas urbanas materializadas nos muros, grades etc. Retomando Michel Pêcheux, o autor relembra as práticas na Idade Média que apontam para uma rigorosa imobilidade nas relações sociais

[...] sob a forma de nítidas fronteiras que separam nobres e plebeus; do lado dos primeiros, os muros, os fossos, os castelos e o latim; dos últimos, as cercas frágeis, simbólicas, ou até mesmo sua elisão, as casas simples e os falares vulgares (Piovezani, 2004, p. 135).

Transportada para o momento atual, essa ideia aponta para uma “[...] ubiquidade midiática de nossa sociedade de controle [...]”, que engendra padrões de conduta para o uso da língua, para a aparência física e para o uso dos espaços públicos. Nesse sentido, ele afirma:

Por absorver em boa medida um conjunto de representações acerca do que seja ‘a’ língua portuguesa, ou o seu bom uso, do que seja ‘o’ corpo, ou a sua forma esteticamente viável, uma considerável parcela dos sujeitos de nossa sociedade veem nas especificidades de seus corpos a feiura, e nas particularidades de sua variante linguística, a incorreção, inscrevendo-se numa exterioridade, num ‘do lado de fora’, de modo semelhante ao que acontece com a inacessibilidade e com exclusão promovidas por meio das grades, da altura dos muros, das cercas elétricas e, sobretudo, dos condomínios fechados, que sintetizam os casos mais emblemáticos do distanciamento, da ‘clausura’ voluntária, da segregação, do não-acesso ou, mais radicalmente, da impossibilidade de habitar, da frustração do desejo de ter um ‘canto’ (Piovezani, 2004, p. 146-147, grifos do autor).

De maneira extensiva, pode-se inserir a moda, entendida aqui de um ponto de vista discursivo, no rol dos elementos analisados pelo autor. Dessa forma, tem-se que, não apenas o comportamento linguístico, a apresentação do corpo ou a ocupação da cidade obedecem, por assim dizer, a certo ritual, mas o próprio ato de vestir-se, de fazer uso de determinada indumentária também aponta para formas engendradas socialmente a partir de um modelo de bem vestir-se.

Isso equivale a dizer que, assim como há nas práticas linguísticas certo padrão valorizado socialmente, uma forma *standard* de falar, de maneira análoga, há, no plano da moda, um certo *standard* a seguir. Daí não ser novidade encontrar em diferentes lugares sociais, mas em especial nos *mass media*, textos que, na condição de materialização de discursos, imbuem-se da tarefa de indicar o que e como vestir, seja em situações festivas, de suposta informalidade, mas também em situações de formalidade, de trabalho, como se pode notar, a título de exemplo, nos aconselhamentos destacados em matéria da Revista Veja (2003, p. 83) publicada há alguns anos. A matéria apresenta um quadro com o título ‘Vestidos para o sucesso’, do qual se obtêm informações, tais como:

- 1 - A roupa certa no lugar certo faz muita diferença na vida profissional. Como saber o que usar? Olhe para o chefe.
- 2 - Sempre em cores escuras, os ternos só aceitam padronagens sóbrias, como a risca de giz. A camisa deve ser da melhor qualidade possível – e mais um pouco.
- 3 - Pasta de couro – acessório absolutamente indispensável. Precisa ser grande, para caber os processos sem amassá-los. E chique.
- 4 - Sapato inglês – a regra é bem simples: desista de inovar e use exatamente aquele modelo clássico que todo homem deveria usar.

Ou, em contrapartida, diferentes manifestações de um discurso proibitivo e coercitivo, bem à maneira da moda nas sociedades de consumo, circulam por meio de textos, ensinando, por um lado, a população a vestir de determinada forma (mais útil? mais dócil?) e coagindo, por outro, essa mesma população a adotar determinados comportamentos, sob pena de sofrer sanções, como é possível ler em outra matéria de 1991 da Revista Veja. Trata-se de um texto que traz, como título, ‘Fora do figurino’ e, logo abaixo, o intertítulo ‘Professores são demitidos por má aparência’. Nesse caso, o desafio para os consumidores está não em ter roupas ‘na moda’, mas em como utilizá-las: “O que

há de fato é uma pluralidade de normas existindo lado a lado” (Svendsen, 2010, p. 66).

De forma sutil, esse controle exercido sobre a população se dá por meio de generalizantes dicas, ou através do jogo entre certo e errado, o que equivale a mesma fórmula utilizada por veículos de comunicação para estabelecer – leia-se impor – um certo padrão linguístico. Vale frisar: grande parte desse adestramento ou dessa pedagogização, no sentido de determinar uma forma ideal de comportamento, encontra respaldo nos diferentes meios midiáticos e por meio deles se cristalizam.

Daí decorre o fato de a mídia brasileira [...] estar desenvolvendo um trabalho de controle sobre as práticas languageiras e corporais, por meio das quais os indivíduos tornam-se sujeitos, erigindo balizas rígidas (o corpo malhado e a manifestação linguística na norma-padrão do português) no interior de instâncias suficientemente reguladas e necessariamente maleáveis (estruturas passíveis de jogo) (Piovezani, 2004, p. 148).

É no sentido de analisar questões como essas que vislumbramos a AD como um eficiente aparato teórico-metodológico para tratar do objeto moda. A Análise do Discurso, posicionando-se criticamente em relação ao esquema elementar da comunicação, estabelece que o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores, e não apenas transmissão de informação:

[...] o termo discurso, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B (Pêcheux, 2010, p. 81).

Assim, com o objetivo de compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral busca, como seu nome aponta, um novo objeto de estudo: o discurso. Não mais a linguagem como instrumento da comunicação, não mais o sentido como consequência automática entre a ação de um emissor e a atitude passiva de um receptor:

Dizer que o discurso é efeito de sentidos entre locutores significa deslocar a análise do discurso do terreno da linguagem como instrumento de comunicação. Além disso, significa, em termos do esquema elementar da comunicação, sair do comportamentalismo que preside a relação entre locutores como relação de estímulo e resposta em que alguém toma a palavra transmite uma mensagem a propósito de um referente e baseando-se em um código que seria a língua, o outro responde e teríamos aí o circuito da comunicação. Não há essa relação linear entre enunciatador e destinatário. Ambos estão sempre já tocados pelo

simbólico. Tampouco a língua é apenas um código no qual se pautaria a mensagem que seria assim transmitida de um a outro. Não há, além disso, esta transmissão: há efeitos de sentidos entre interlocutores. [...] Os efeitos se dão porque são sujeitos dentro de certas circunstâncias e afetados pelas suas memórias discursivas (Orlandi, 2010a, p. 14-15).

Sabe-se, com a AD francesa, que os sentidos não são um dado empírico situado no mundo pronto para ser apontado por uma linguagem transparente. Os sentidos são construídos e, nesse caso, seria mais apropriado falar em efeitos de sentido, uma vez que é da relação entre o linguístico e o histórico que eles emergem. Isso quer dizer, por exemplo, no que tange à moda, que não há nenhuma razão ‘natural’ para que um terno seja considerado ‘mais elegante’ que jeans e camiseta, ou que um conjunto de roupas se preste a ser usado num casamento e não no trabalho, ou ainda que calças sejam consideradas masculinas em determinados momentos.

Para que uma determinada vestimenta possa ser apontada como significando algo do tipo X ou Y, há que se buscar as possibilidades de sentido instaurados por uma teia de relações complexas que envolve discurso, história e memória:

[...] seria inadequado procurar uma fonte capaz de determinar o significado de uma peça de roupa, uma vez que ele surge e existe sobretudo nos espaços entre as pessoas e entre estas e o mundo (Svendsen, 2010, p. 79).

A apreensão de tais possibilidades proporciona o entendimento da emergência de certos significados e não de outros, isto é, o aparecimento de uns em detrimento (ou silenciamento) de outros, pois, de acordo com Gregolin (2007, p. 15), “[...] silenciamento e exposição são duas estratégias que controlam os sentidos e as verdades”.

De acordo com Foucault (2009), os ditos são rebeldes a interesses, entram na ordem das contestações e das lutas, tornam-se temas de rivalidade. Esses mesmos enunciados, junto com as memórias que trazem, colocam-se em contato e em confronto com outros enunciados, permitindo afirmar que o universo de roupas e indumentárias não compõe uma unidade homogênea, mas um campo discursivo inevitavelmente constituído por discursos heterogêneos que, dentre outras coisas, falam, sobretudo, de sujeitos e, ao fazê-lo, acabam por constituir-los:

Embora o sujeito encontre na moda um variado cardápio de estilos, roupas; a necessidade de estar inserido em um grupo social o coloca sob efeito de coerções, delimitações e regras bem marcadas, que,

por sua vez, o conecta a uma identidade (Prado, 2009, p. 15).

Assim sendo, na esteira do pensamento foucaultiano, o que se pode observar é que os enunciados são postos sempre em contato com outros por meio de uma extensa rede discursiva. Esse contato possibilita a emergência de sentidos que podem ser traduzidos como uma rede de nós, num paradoxo que envolve dispersão e unidade, apagamento e atualização, comprovando que há menos transparência nas formas de apreensão da realidade do que se possa conceber. Isso nos leva a pensar que talvez o fato mesmo de algo vir a ser considerado como um item da moda revele o caráter discursivo desta, uma vez que, na AD, lida-se com os enunciados que puderam e foram efetivamente ditos, ou seja, porque aquele e não outro enunciado pode ser dito em seu lugar. A moda parece ser justamente isto: por que tais itens foram alçados a tal condição e não outros?

Como é possível notar, as roupas são sim um elemento forte da nossa cultura material. Nas relações com o mundo, elas ajudam a construir sentido/significação, além de representações sobre aspectos relativos à identidade pessoal e social. Entretanto, é necessário que se entenda que a criação/utilização de certas peças e sua transformação em item de moda, quer dizer, em algo utilizável, desejável ou ainda objeto de controvérsia, se dá pela obediência a certas regras, regras essas advindas, primordialmente, das relações discursivas possibilitadas por meio do interdiscurso ou da memória discursiva a que estão submetidos os enunciados. Sob uma perspectiva discursiva, não há como dissociar o discursivo do histórico, não há como não haver relação entre o evento e o que o circunda, bem como o que o antecedeu; sendo assim, não há como desconsiderar o caráter histórico e social do evento moda, uma vez que, como qualquer outro objeto do discurso, também ela está sujeita às coerções do espaço e do tempo.

Assim, um empreendimento que ligue análise do discurso e moda pressupõe um tratamento desta como parte integrante dos poderes e saberes que concorrem para a objetivação/subjetivação de indivíduos. Falar de moda e compreender a sua presença no mundo contemporâneo é, pois, mergulhar nas tramas de um dispositivo que engendra indivíduos a partir de determinadas formas de ser e de se comportar, frutos dos poderes e saberes que lhe são inerentes. O vestir-se à moda é, assim, um ato pautado na aquisição de saberes específicos que proporcionarão ao indivíduo criar em/para si mesmo simulacros de identidade por

meio da sua exterioridade, de sua aparência para que, com esse passaporte, possa circular socialmente. Mais do que algo fútil e pertencente apenas ao universo feminino – apesar de evidências em contrário –, ou mesmo algo pautado no superficial em detrimento do intelectual, o universo da moda é algo que merece atenção, pois, na condição de dispositivo de alta produtividade para a sociedade de consumo, parece, em princípio, não deixar escapar qualquer pessoa, quer se encontre sob seu alcance imediato ou não.

Recolocar a moda no centro de uma interrogação discursiva significa considerá-la ao mesmo tempo produtora e também produto de um processo que se dá entre atualizações e esquecimentos, distanciamentos e aproximações, história e linguagem. Significa pensá-la como um objeto simbólico que produz sentidos, “[...] investido de significância para e por sujeitos” (Orlandi, 2010b, p. 26). Significa, em resumo, entender esses elementos pertencentes à ordem discursiva; significa tratar a moda como um discurso ou, melhor ainda, como um dispositivo, que, em conjunto com outros dispositivos, transformam o homem na modernidade em um ser que vive, fala, trabalha e se veste.

Conclusão

O que se pretendeu nas páginas que compõem este texto foi uma reflexão, ainda que breve, sobre a possibilidade de pensar a análise do discurso como um campo fértil dos estudos linguísticos que procuram ir além da imanência dos sistemas linguísticos e que buscam pensar estes em contato direto e produtivo com seus entornos. Nesse sentido, buscamos estabelecer relação entre o linguístico e a roupa, ou mais precisamente entre o discursivo e a moda, como um empreendimento necessário e produtivo para ambos os lados.

A moda, desde o século XVIII, tem-se tornado presente, cada vez mais, na vida, no cotidiano dos que vivem no ocidente, logo, dificilmente alguém, nos dias atuais, se situa fora do seu domínio. Basta dar uma volta pelas ruas da cidade e notar que as bancas de jornal estão repletas de revistas de moda e jornais com cadernos dedicados ao assunto, ou mesmo ligar a televisão e perceber que os principais eventos da área, que têm como palco Paris, Milão, Nova York, Londres, São Paulo, são pauta de noticiários transmitidos em rede nacional ou ainda tema de programas específicos da área. A moda é, sem dúvida, um importante elemento de nossas vidas e se, ampliando os horizontes, considerarmos que

[...] esse fenômeno invade os limites de todas as outras áreas do consumo e pensarmos que sua lógica também penetra a arte, a política e a ciência, fica claro que estamos falando de algo que reside praticamente no centro do mundo moderno (Svendsen, 2010, p. 10).

Logo, temos aí elementos suficientes para justificar um olhar mais crítico sobre ela.

A AD se traduz, dessa forma, como um campo fértil para se pensar e entender o que se convencionou a chamar de moda ou para depreender os mecanismos engendrados por ela, enquanto um dispositivo no qual se congrega saber, poder e sujeito. Trazer à tona os ditos do mundo *fashion* e se valer de uma interrogação pautada na análise do discurso francesa significa, pois, entendê-la como um dispositivo que concorre na/para a constituição do mundo moderno e do homem inserido nesse mundo. No limite, significa interrogar sobre os movimentos de resistências e de poder que, amparados em saberes, transformam os indivíduos modernos em sujeitos, (nem) sempre dóceis, (nem) sempre úteis.

Referências

- Brandão, H. H. N. (2003). Análise do discurso: um itinerário histórico. In H. B. C. Pereira, & M. L. G. Atik (Orgs.), *Língua, literatura e cultura em diálogo*. São Paulo, SP: Ed. Mackenzie.
- Charaudeau, P., & Maingueneau, D. (2004). *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo, SP: Contexto.
- Courtine, J.-J. (2009). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: Edufscar.
- Cruz, M. A. (2011). Saussure, as teorias linguísticas contemporâneas e a AD: rupturas ou continuidades? In V. Sargentini, L. Curcino, & C. Piovezani (Orgs.), *Discurso, semiologia e história* (p. 67-80). São Carlos, SP: Claraluz.
- Deleuze, G. (2005). O que é um dispositivo? In G. Deleuze (Ed.), *O mistério de Ariana* (p. 83-96, Edmundo Cordeiro, trad.). Lisboa, PT: Vega.
- Ferreira, M. C. L. (2003). *O quadro atual da análise de discurso no Brasil*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado de <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/viewFile/11896/7318>
- Fiorin, J. L. (1990). Tendências da análise do discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19(1), 173-179.
- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Foucault, M. (2009). *A arqueologia do saber*. (Luiz Felipe Bacta Neto, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Gregolin, M. R. (2007). Análise do Discurso e mídia: a (re)produção das identidades. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, 4(11), 11-25.
- Gregolin, M. R. (2008). No diagrama da AD brasileira: heterotopias de Michel Foucault. In P. Navarro (Org.), *O discurso: nos domínios da linguagem e da história* (p. 23-36). São Carlos, SP: Claraluz.
- Kogawa, J. M. M. (2012). A recepção da ADF no Brasil nas décadas de 1960/70. In M. R. F. V. Gregolin, & J. M. M. Kogawa (Orgs.), *Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas*. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica.
- Maldidier, D. (1997). Elementos para uma história da análise do discurso na França. In E. Orlandi (Org.), *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Unicamp.
- Maldidier, D. (2003). *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. (Eni Orlandi, trad.). Campinas, SP: Pontes.
- Maingueneau, D. (2008). A unidade da linguística. *Revista Calidoscópio*, 6(3), 160-163. Recuperado de https://saga.faccat.br/p907/c_arquivo.php?chave=24&baixar=true
- Mussalin, F. (2001). Análise do discurso. In: F. Mussalin, & A. C. Bentes (Orgs.). *Introdução à Linguística 2: domínios e fronteiras*. (2. ed., p. 101-142). São Paulo, SP: Cortez.
- Orlandi, E. P. (2010a). Análise de discurso. In E. Orlandi, & S. Lagazzi-Rodrigues. *Discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes.
- Orlandi, E. P. (2010b). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. (2a ed.). Campinas, SP: Pontes.
- Paveau, M.-A., & Sarfati, G.-É. (2006). *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. (Maria do Rosário Gregolin, trad.). São Carlos, SP: Claraluz.
- Pêcheux, M. (1997). Ler o arquivo hoje. In E. Orlandi, et al. (Orgs.), *Gestos de leitura: da história no discurso*. (p. 55-64, Maria das Graças Lopes Morin do Amaral, trad.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Pêcheux, M. (2010). Análise automática do discurso. In F. Gadet, & T. Hak. (Orgs.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. (p. 59-158, Bethania S. Mariani, trad.). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Piovezani, C. (2004). Entre vozes, carnes e pedras: a língua, o corpo e a cidade na construção da subjetividade contemporânea. In V. Sargentini, & P. Navarro-Barbosa (Orgs.), *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade* (p. 133-158). São Carlos, SP: Claraluz.
- Possenti, S. (2009). Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In F. Mussalin, & A. C. Bentes (Orgs.), *Introdução à Linguística 3: fundamentos epistemológicos* (p. 353-392). São Paulo, SP: Cortez.
- Prado, G. (2009). *No mundo das aparências: uma análise do discurso publicitário da moda*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

- Revista Veja. (1991). *Fora do figurino* (p. 47). São Paulo, SP: Editora Abril.
- Revista Veja. (2003). *Vestidos para o sucesso* (p. 83). São Paulo, SP: Editora Abril.
- Sargentini, V. M. O., & Navarro-Barbosa, P. (Orgs.). (2004). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade* (p. 11). São Carlos, SP: Claraluz.
- Sargentini, V. M. O. (2006). Arquivo e acontecimento: a construção do *corpus* discursivo em análise do discurso. In P. Navarro (Org.), *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos, SP: Claraluz.
- Simmel, G. (2008). *Filosofia da moda e outros escritos*. (Artur Morão, trad.). Lisboa, PT: Edições Texto & Grafia.
- Svendsen, L. (2010). *Moda: uma filosofia*. (Maria Luiza X. de A. Borges, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Veiga-Neto, A. (2007). *Foucault e a educação*. Belo Horizonte, BH: Autêntica.

Received on January 27, 2015.

Accepted on August 7, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.